



CHRISTO NO JARDIM DAS OLIVEIRAS.

O coração conturbou-se dentro do corpo, e o medo da morte assalteou-me; o receio e o tremor apoderaram-se de mim, e fiquei coberto de trevas.

Porque vos retirastes, Senhor, para longe, e vos dedignastes olhar-me no tempo das minhas necessidades e aflicções?

PSALMOS.

A razão e a verdade para brilharem com mais esplendor na hora do triumpho, apuram-se nos martyrios suscitados pelos odios, pelo erro, e pelas más paixões. A Sabedoria Eterna permite estes contrastes para maior exalçamento d'aquellas. Ao sair repentinamente das trevas para o vivo clarão de uma brilhante luz, a vista cega-se, e o homem deslumbra-se: já não succede assim quando a preparação para supportar o effeito da sua intensidade se opera por meio das gradações. Nos insondaveis mysterios da Re-

dempção humana tambem Deus permittiu que esta se cumprisse seguindo a marcha e regularidade das coisas da natureza, para que a doutrina se estabelecesse pela convicção e não pelo deslumbramento, para que os olhos e a razão dos mortaes se achassem preparados a encarar e comprehender as verdades eternas sem se ofuscarem. Na queda do primeiro homem prendeu o Supremo Poder do universo a augusta cadeia das revelações, cujos anneis, desenroscando-se pela successiva marcha dos tempos nas grandes epocas dos Prophetas, vieram soldar-se na existencia do Precursor; e preparado assim o espirito humano, permittiu, na occasião propria, se manifestasse o Verbo que devia evocar a uma vida de gloria os povos da terra, e as attribuladas gerações. O Verbo revelou-se. Poucos o acreditaram, e muitos o perseguiram! No

ABRIL, 11, 1857.

VOL. I. — 4.ª SERIE.

C. M. L.
GABINETE E
DE ESTUDOS
OLISIPONENSES

valeroso combate entre elle e o erro, este manifestou-se triumphante; e quando no delirio da vangloria se acclamou vencedor, caiu aterrado pela evidencia, e fulminado pela manifestação do mysterio! Haviam erguido bem alto a Cruz do martyrio para ser vista por toda a gente; e a gente viu-a, mas com os braços abertos convidando a todos para irem receber o seu amplexo, e ouviu ao mesmo tempo o brado que d'ella saía a percorrer o universo! Tinham corrido o veo do templo, e o veo rasgou-se de alto a baixo, para patentear a todo o mundo que a verdade e a razão, ali encerradas como um symbolo mystico, iam sair da guarda de uma tribu consagrada, para se communicar a todo o genero humano! Tinham encerrado n'um sepulchro o corpo que esse divino espirito animava, e as pedras rebentaram em horrorosas convulsões, porque não podiam conter em si tamanha immensidade! Até então, nunca estes signaes se haviam manifestado, nem no ceo que se velou de trevas, nem na terra que se agitou convulsa, nem na natureza que deu assim testemunho de que um facto extraordinario e maravilhoso se havia cumprido; e desde então até hoje nunca mais esses signaes se repetiram, nem se poderão repetir, porque os sacrificios augustos não se reproduzem no mundo; e este, que foi augustissimo, abrangeu em si uma eternidade! Era porque as prophcias se cumpriam n'aquelle momento solemne da expiação de milhares de gerações. O psalmista havia dito:— «a terra foi abalada e tremeu, e as montanhas revolvidas até aos seus fundamentos:» — outro propheta acrescentara:— «n'este dia o sol terá no zenith o seu occaso, e cobrirei a terra de trevas quando ella devia estar resplendente de luz.» — e assim succedeu como estava escripto. O Verbo elevou-se e ascendeu nas azas dos cherubins — voou sobre os ventos fendendo as nuvens com o esplendor da sua presença, e a terra liberta recebeu o espirito e o sopro divino que tinha de renovar-lhe toda a superficie! A razão e a verdade surgiam do martyrio do Christo!

Nos livros sagrados estão descriptas todas as grandezas da sua vida, todos os tormentos da sua paixão, toda a sublimidade do seu sacrificio; e descriptos n'essa linguagem da simplicidade que falla ao coração, á evidencia e á razão, com uma lingua de anjos que os homens nem hão de nem podem imitar:— nas solemnidades e officios da Igreja estão reproduzidos todos os actos d'esse sacrificio sobrehumano com uma verdade tão santa, que a alma, presenceando-os, rebenta nos trances de uma sublime dôr, e se desafoga nas saudosas e sentidas lamentações com que acompanha a desolada esposa na sua viuvez e orphandade. Se tentassemos reproduzir tudo aqui, faltar-nos-hia de certo a energia para tamanho assumpto; escolheremos portanto só um quadro entre tantos milhares d'elles que completam o immenso e augusto drama da Redempção.

Christo, depois de entrar triumphante em Jerusalem, ahí celebrou pela ultima vez a Páscoa com os seus discipulos: lavou-lhes os pés para lhes designar por este acto a pureza com que os homens se devem aproximar do banquete da vida a que os chama: e deu-lhes em iguaria o seu corpo e sangue transubstanciados nas especies de pão e de vinho! N'este momento havia instituido o sacramento que encerrava o mysterio do sacrificio incruento! Nada mais lhe restava do que consummar esse sacrificio; e preparou-se para elle orando no Horto. Ao jardim das Oliveiras foi só acompanhado por Pedro, Thiago e João; e esses mesmos ahí abandonou á entrada, e avançou sósinho para o seu interior, porque o espirito quer meditar no isolamento a intensidade dolorosa do sacrificio. Com os espiritos celestiaes se entreteve o espirito divino; mas a pouco e pouco tambem d'estes se isolou para deixar ao corpo todo o peso da dôr, todo o medo da morte! Suou a materia até se transformar em sangue o que havia de terreno n'aquelle Ser divino; mas a alma subjugou o corpo, venceu-o, e passado o tyrocínio da sua immensa dôr, ergueu-o do chão onde se prostrara vergado, para o entregar voluntariamente nas mãos dos instrumentos do seu padecer e da sua gloria. A razão a vontade e o amor sobrepujaram a fraqueza da materia, e n'este vencimento do Christo triumphou a humanidade.

E quanto não tem a philosophia para meditar só n'este passo? No recolhimento da solidão e da oração preparou-se a grande verdade que em breve tinha de ser manifestada. O peso d'essa verdade aterrou e confundiu a materia, que se rebellou, affrontou, e por fim se rendeu subjugada para obedecer ao espirito, que fez confessar-lhe a excellencia mesmo nos tormentos do patibulo!

Na reunião do espirito e do corpo para o seu triumpho moral, rebenta a manifestação da grandeza da Creadura-Creadora; nas oliveiras que assistiram á sua dôr, o symbolo da paz que tem de offerecer-se ao mundo; no calix da amargura que se esgota até ás fezes, as immensas dôres que se padecem pelo amor da verdade; e finalmente n'aquelle grito doloroso que o Homem-Deus eleva até ao Padre, o appello sublime á humanidade inteira!

Remidos e triumphantes, quem poderá aterrar os povos? Libertos pela razão suprema, quem os poderá escravizar? Eguatados pelo sacrificio da Divindade, quem estabelecerá sobre elles mais elevada jerarchia? Chamados todos como irmãos aos braços de Deus, quem poderá suscitar discordias entre elles?

Ninguem; porque a Cruz symbolisa desde o Golgotha a verdade suprema que desceu dos ceos para renovar a face da terra; que se cimentou no Calvario pelo sangue do Justo; e que d'ahi tem marchado ha quasi dezenove seculos a abranger o universo inteiro entre os braços do Christo que a proclamou!

HOSSANA!

I

Sonhei-te Jerusalem!... Santa cidade,
Onde os mysterios tinham de cumprir-se,
Em resgate da triste humanidade!

Vi alegre o teu ceo! — vi-o sorrir-se!
E de palmas festivas, verdes ramos,
Juncado o solo, em galas revestir-se!

O teu povo exclamou: — «Nós exultamos!
«É d'Israel o rei, por Deus mandado;
«É justo que em triumpho o recebamos!

«É ELLE o santo, o rei annuciado,
«Ab æterno, por tantas prophcias;
«Pelo povo d'Abrahão tão suspirado!

«*Hossana!*... *Hossana!*... vão surgir os dias
«D'opulenta Israel os mais formosos!
«O reinado começa do Messias!!!...

.....
Ingrato povo! raça d'orgulhosos!
Miraste um rei no throno deslumbrante!
Fitaste altos empregos magestosos!

Invejaste-o de imigos triumphante;
Egoista qual tu: guerreiro; altivo;
Sobre as outras nações predominante!

Quizeste ver o mundo assim captivo,
D'impia subjeição grilhões rojando,
À liberdade morto, ao crime vivo!

Ao desejo mentiu-te orgulho infando;
Um rei tiveste, não fingido á mente,
D'um despota cruel, abominando:

Mas sim um rei de paz, um rei clemente,
Qu'ao banquete chamou da liberdade
Povos da terra, a todos igualmente,
De laços fraternaes na santidade!

II

Vem, oh povo d'Israel,
Ao encontro do Messias,
E cumpram-se as prophcias
Da humana redempção!
Adornem santa Sião
Suas galas mais custosas;
Virentes palmas frondosas,
Verdes ramos estendidos
Sobre os mantos e vestidos...
Eil-o — o Christo, o Redemptor,
Ao sacrificio chamado!
Ahi vem, triumphador,
Sem soberba, sem vaidade,
Entrar na santa cidade,

Onde tantos peregrinos
Hãode, na futura edade,
Entoar-lhe os santos hymnos!

.....
Vinde oh povos, vinde vél-o,
— O que serena a tormenta,
Impera na magestade
Dos ceos, dos astros, da terra,—
Como prova d'humildade
Montado em pobre jumenta!
Oh, salve, Jerusalem!
As tuas portas descerra,
Porque as santas comitivas,
Entre hosannas, entre vivas,
Avançando p'ra ti vem!...
Salve, santas oliveiras,
Salve, frondosas palmeiras
Que tão bella festa ornastes.
E da victoria e da paz
Eterno emblema ficastes
Viva memoria serás!...
Vence o Christo — a liberdade!
Paz ao liberto, ao captivo;
Com ella a santa egualdade!...
Triumpho o Christo—o Deus vivo:
Foge espavorida, — insana
A vencida tyrannia;
E na fraterna alegria
Os povos bradam: Hossana!

III

Onde o VERBO que nos trouxe
Esta santa redempção,
Deslumbrante de verdade,
Liberrima aspiração?
Que soltou essa palavra
Que deu triumpho á razão,
Redimindo os opprimidos
Nos ferros da escravidão?
Que na mais pura doutrina
Que rebentou da affeição,
Escravo da terra ergueu,
Do rei proclamou-o irmão?
Onde a fronte omnisciente
Que teve tal concepção,
Que em dois preceitos sómente
Legislou ao coração?!

IV

Ergue teus olhos, fita-os nos espaços,
N'aquella cruz ali o tens cravado!
.....
Regia purp'ra cobriu-lhe o nudo corpo,
Um sceptro d'irrisão ergueu na dextra,
Por diadema tomou verga d'espinhos,
Foi rei, e no Calvario ergueu seu throno!
.....
Do superno poder a vil parodia,
Israel consummou!... Oh reis da terra
Como frageis que sois! Mirae no exemplo,
Que honras e poder assim fenecem;
— Só não morre a virtude— a liberdade!

V

Fraterna, livre egualdade,
 Triplice applauso te dou;
 Tu és a luz da verdade
 Que Christo ao mundo ensinou!

VI

O VERBO tinha de vencer na luta
 Mas antes de vencer quantos tormentos!
 Era a voz que troava a liberdade,
 Ao mundo revelando um novo mundo,
 E nos pulsos partindo as vis algemas
 Os homens nivelava, eguaes nascidos
Do tronco antigo do primeiro humano!
 Ferrenhas ambições, o despotismo,
 Os prejuizos de classe, insano orgulho
 Contra a nova palavra rebellados
 Abafal-a tentaram no Calvario.
 E quando em vil tripudio s'exaltavam
 Julgando ter vencido — eis-os vencidos!...
 Gloria, oh povo, a ti! — ao Christo hossana!
 Das immergidas trevas, pavorosas,
 Rebenta um mar de luz, que a luz afoga
 E do tope da cruz troando immenso
 O seu brado immortal da liberdade
 Dos tyrannos o mundo corrompido
 Roto e desfeito sepultou no abysmo.

OS GODOS NA PENINSULA.

Conclusão.

Esta ascendencia foi porém ganha a pouco e pouco, mas com arte; porque nas diversas conspirações que então houve contra os reis, notase que o clero sempre estava ao lado do partido vencedor; o que faz presumir, ou que elle as dirigiu e fez triumphar pela força de que já se achava revestido, ou que prudentemente se conservava afastado d'estas pendencias, espreitando o ensejo de se pronunciar pelo partido vencedor para o consagrar com a sua autoridade. Sizenando, que usurpou o throno a Swenthila, alcançou do clero que o rei deposto e os seus parentes fossem excommungados: Ervigio, cuja ascensão ao throno se não baseou nos meios mais honestos, foi por elle justificado. O seu successor, que com desprezo do juramento da nação ao filho de Ervigio, usurpou o throno, obteve tambem que o clero o absolvesse a elle e a nação d'aquelle juramento. De nada valeu que Recaredo a quem o poder clerical tanto devia, introduzisse com o seu apoio a hereditariedade da corôa; o fim achava-se conseguido, e não devia haver duvida em despedaçar o instrumento; e assim foi que posteriormente, no quinto concilio toledano, reinando Swenthila, o clero annullou a hereditariedade, declarando que o rei devia ser eleito por todos.

O poder real que entre os godos, na occasião da sua entrada em Hespanha, era dependente do capricho dos magnates, não ganhou para a sua estabilidade, com a participação do clero na gerencia publica. O poder politico era então exercido pelo rei e pelos nobres, em assembleas, ás quaes concorriam os condes, os gardingos, juizes das villas e todos os senhores de terras. Estas assembleas, que tinham a apparencia de um conselho militar, reuniam-se, quando se não haviam fixado como em Hespanha, na tenda do rei, seu general em chefe, e elevado á suprema magistratura pela eleição. Aquelles altivos senhores, conscios da sua força, indocis e insofridos por natural condição, contrabalançavam e até mesmo annullavam a autoridade real; porque n'aquelles tempos o direito da força era o mais respeitado, e as pendencias com o rei se decidiam quasi sempre depondo-os, ou não lhe continuando o supremo cargo na linha recta da successão, porque os nobres escolhiam aquelle membro da familia real mais disposto a promover-lhes os interesses. Foi para abater este orgulho que serviu a admissão do clero no governo, e já vimos como o novo elemento serviu unicamente para mudar as influencias de uma para outra mão, ambas igualmente dispostas a tirar o maior proveito da força das circumstancias, e da posição que assumiam.

Alguma coisa dissemos dos privilegios do clero no codigo dos godos, bem é que digamos tambem algumas palavras dos da nobreza. Para darmos uma abreviada noticia bastará dizer que os nobres eram olhados como juizes natos nos seus districtos e senhorios de jurisdicção, que podiam exercer por si, ou delegados. Os seus juramentos nas causas eram de subido valor, e constituam uma prova legal.

O povo era o unico sobre quem as leis caiam com mais peso. Não havia tido participação no confeccionamento d'ellas; nas curias e concilios tinha ficado sem defensores, e d'ahi nenhum melhoramento na sua condição. Vassallos, ingenuos, libertos e servos, não podiam hobrear com os grandes senhores, que os tratavam com immerecido desprezo. Era uma classe reputada por elles aviltada, e como nascida para lhes ser sujeita. A pena de talião, a fustigação, a mão e o nariz cortado, a castração, e outros castigos eguaes, estatuidos mais para o terror e vingança arbitraria, do que para a emenda, foram preparando, com a desmoralisação das classes superiores, a degeneração da sociedade, e a sua degradação, a ponto dos arabes não carecerem de grande esforço para sujeitar a Peninsula, e passearem triumphantes o crescente sarraceno por onde a cruz do Christo se havia solemneamente hasteado. Assim acabou no occidente o imperio godo; e a nação — que o clero e a nobreza não souberam elevar, avultando-lhe os nobres estímulos que o povo sempre possui, e que unicamente esperam por um redemptor para brilhar á luz do dia — viu extinguir-se o som fes-

tivo dos sinos das suas aldéas, e calar-se no espaço o dobré dos campanarios, para dar lugar á voz que saía dos minaretes chamando os fieis á mesquita. Desde essa hora a solemnidade do culto só teve um asylo—verdade é que o mais nobre e santificado—o coração dos fieis, que n'elle acolheram e salvaram a religião enquanto approve a Deus fazer durar o cataclys-

mo. A falta de celebração dos augustos mysterios em commum afrouxou os laços que deviam unir e robustecer a sociedade christã, e d'ahi a indiferença com que foram curvando a cerviz ao jugo invasor, não se encontrando já com forças de soltar esse grito supremo dos povos, sua derradeira invocação—Patria!



A CEIA DO SENHOR.

ESTUDOS SOBRE A PRIMITIVA EGREJA CHRISTÃ.

EUCCHARISTIA E SACRIFICIO DA MISSA.

Continuação.

Depois da consagração e oração dominical, o bispo commungava, e dava a communhão aos padres que celebravam com elle, e depois aos diaconos e clerigos, aos asceticos e monges, ás diaconas, ás virgens e ás outras religiosas, ás creanças, e por ultimo a todo o povo. Para abreviar esta acção, que era sempre mui longa, muitos padres distribuíam ao mesmo tempo o corpo do Senhor, e muitos diaconos apresentavam o calix contendo o precioso sangue. Para evitar a confusão, os sacerdotes e diaconos levavam a communhão ás pessoas postas em fileiras; que do mesmo modo tinham elles ido receber as offerendas. Os homens recebiam o corpo de Jesus Christo nas suas mãos, e as mulheres em toalhas destinadas a seu uso, e que se chamavam *dominicaes*. Uns e outras commungavam por suas mãos com extrema precaução, para que lhes não caísse a menor particula. A communhão do calix fazia-se ao principio apresentando-o aos fieis para a beberem, porém depois introduziu-se o uso d'uma salva de oiro, ou de prata, para evitar o inconveniente de se entornar o precioso sangue, e por fim n'algumas egrejas ensopava-se um pedaço de pão consagrado no precioso san-

gue. As creanças davam-se as particulas que sobejavam da Eucharistia, e mesmo algumas vezes não se lhes dava senão a especie de vinho. Finalmente áquelles que não commungavam, o que era mui raro nos tempos primitivos, davam-se os restos do pão offerecido, e não consagrado, d'onde veiu o uso do pão bento.

No tempo dos apóstolos, não se recebia a communhão senão depois de uma comida de caridade, a que se dava o nome de *agapa*, e que tinha por fim imitar a ceia de Jesus Christo, e induzir os ricos a contribuirem para o sustento dos pobres. Cada um trazia a sua ceia, e durante a comida, cantavam-se louvores a Deus, e faziam-se leituras santas. Apesar d'isto o costume de commungar em jejum é muito antigo, e Santo Agostinho o faz datar do tempo dos apóstolos; generalisou-se no quarto seculo, se bem que as *agapas* continuaram. Ao diante não se celebraram os santos mysterios depois de ceia senão na quinta feira santa. Finalmente, estas comidas, verdadeiramente christãs na sua origem, tornaram-se abusivas, e a pouco e pouco foram abolidas em diversos tempos e diferentes partes da Igreja.

Desde o decimo segundo seculo foi-se insensivelmente perdendo o uso de dar a communhão nas duas especies; porém só foi no concilio de Constança que se retirou aos fieis a participação do calix sagrado.

Áquelles que não tinham podido assistir ao sacrificio enviava-se a Eucharistia pelos diaco-

nos ou acolytos. Reservava-se uma porção para o viatico dos moribundos, isto é, para a provisão da grande jornada que iam fazer. Permittia-se aos fieis levarem para casa a Eucharistia para a tomarem todas as manhãs antes de qualquer comida, ou nas occasiões de perigo, como quando iam para o martyrio pois que não havia liberdade de se juntarem todos os dias para a celebração dos mysterios. Como porém unicamente se reservava para os sãos e doentes a especie de pão, prova-se por isto que em todos os tempos a Igreja creu que a communhão era tão completa sob uma especie, como em ambas, e que quem recebia sómente o corpo, ou o sangue de Christo, recebia sempre Jesus Christo. O uso de guardar cada um a Eucharistia em sua casa tem-se conservado até hoje na maior parte dos gregos e dos orientaes, porém acabou nos occidentaes pelo fim do quarto seculo e principios do quinto.

PENITENCIA.

Não se impunha a penitencia senão aos que a pediam; os quaes então eram recebidos com grande caridade, acompanhada de muita discrição. Fazia-se-lhes conhecer que era uma graça que se não devia conceder facilmente, e por isso experimentava-se o delinquente para se conhecer se o seu arrependimento era sincero e solido, mettendo-se de permeio algum tempo antes de lhe conceder a penitencia. Era ao bispo a quem pertencia designal-a para os peccados mortaes, e se devia ser publica ou secreta, e o tempo que devia durar, e até mesmo se era conveniente, para edificação da Igreja, que o peccador fizesse confissão publica, porque regularmente ella era feita secretamente ao sacerdote. O tempo da penitencia regulava-se pela grandeza e qualidade da falta. Ordinariamente era de dois annos para o furto, onze para o perjurio, quinze para o adulterio, vinte para o homicidio, e a vida inteira para a apostasia. O numero dos peccados da mesma especie influa no rigor da penitencia, porém quasi nunca influa no augmento da sua duração. Aquelles a quem se ordenava a penitencia publica, apresentavam-se no primeiro dia da quaresma á porta da igreja com vestidos pobres, rotos e sujos, em signal de luto, e recebiam das mãos do bispo a cinza na cabeça, e cilicios para se cobrirem: depois o prelado expulsava-os do templo. Os penitentes ficavam de ordinario encerrados, dando-se aos jejuns, as orações, e a todos os exercicios de mortificação.

Havia quatro ordens de penitentes: os flebiles ou lacrimosos; os ouvintes ou auditores; os prostrados; e os consistentes, que quer dizer os que oravam de pé. Todo o tempo da penitencia era distribuido por estes quatro graus. Por exemplo, aquelle que tinha commettido um homicidio voluntario, ficava quatro annos no grau dos flebiles, quer dizer á porta da igreja nas horas da oração, e ficava fora, não no vestibulo, mas na

praça, exposto ás injurias do tempo. Ia vestido de cilicio, levava cinza na cabeça, e deixava crescer os cabellos. N'este estado conjurava os fieis que entravam na igreja a terem piedade, e orarem por elle; e effectivamente toda a Igreja orava pelos penitentes. Nos seguintes cinco annos passava á classe dos ouvintes; entrava na igreja para ouvir a instrucção, ficava no vestibulo com os cathecumenos, e saia antes de principiarem as orações. Depois passava á terceira classe, e orava com os fieis, porém no mesmo logar junto á porta, prostrado no pavimento da igreja, e saia com os cathecumenos. Depois de estar sete annos n'este estado, passava ao ultimo, em que ficava quatro annos, assistindo ás orações dos fieis, e orando de pé como elles, mas não lhes sendo permittido nem offerter, nem commungar. Por fim, tendo cumprido os vinte annos de penitencia, era recebido á participação das coisas santas, isto é, á Eucharistia.

Durante o tempo da penitencia, o bispo visitava muitas vezes os peccadores, ou enviava algum sacerdote para os examinar, e tratar de diversos modos, segundo as disposições em que os encontravam. Uns eram excitados; outros amedrontados; outros consolados. Os prelados olhavam a penitencia como uma medicina espiritual, e persuadiam-se de que a cura das almas exigia tanta sciencia, observação, paciencia e applicação, como a cura dos corpos, e que se não podiam destruir os habitos viciosos já inveterados senão por via d'um exactissimo regimen. Tinham muita cautela em não desesperar o penitente por excessiva dureza, porque d'ahi resultaria voltarem de novo ao mundo e á vida pagã. Reprimiam-lhes as impacencias, conhecendo quanto é prejudicial uma prematura absolvição: só concediam a perfeita reconciliação ás lagrimas, á reconhecida mudança de costumes, e nunca á importunação, nem ás ameaças.

O penitente não passava de um grau ao outro senão por ordem do prelado. Não era o tempo que decidia da penitencia; esta encurtava-se quando havia para isso alguma razão particular, como o fervor extraordinario do penitente, uma doença mortal, ou a perseguição. Esta dispensa, que abreviava a penitencia regular, chamava-se *indulgencia*; e S. Paulo dera o exemplo d'ella com o incestuoso de Corintho, a quem havia excommungado.

Quando o bispo julgava conveniente acabar a penitencia, fazia-o ordinariamente no fim da quaresma, para o penitente recommençar na festa da Paschoa a participar dos santos mysterios. Na quinta feira de Endoenças, os penitentes apresentavam-se á porta da igreja, e o prelado depois de fazer por elles muitas orações, fazia-os entrar a pedido do arcediogo, que lhe representava ser aquelle um tempo proprio para a reconciliação, e que era justo que a Igreja recebesse as ovelhas transviadas, quando ella augmentava o seu rebanho por via de novos bap-

tisados. O pontifice fazia então uma exhortação sobre a misericórdia de Deus, e a mudança de vida que deviam ter, e fazia-os levantar a mão em signal de promessa. Finalmente deixando-se abrandar pelas supplicas da Igreja, e persuadido da sua conversão, deitava-lhes a absolvição solemne. Depois rapavam as barbas e cortavam o cabello, largavam os vestidos de dô, e principiavam a viver como os outros fieis.

Se, durante o curso da penitencia, se caía em novo crime, devia-se ella começar de novo. Se o penitente não mudava de vida, deixavam-no no mesmo estado, sem lhe dar os sacramentos; e se depois de receber a absolvição, ainda commettia um crime capital, não havia para elle mais sacramentos; porque a penitencia publica não se concedia mais de uma vez. Contentavam-se com orar por elle, exhortal-o a converter-se, e esperar na misericórdia de Deus que não tem limites. Aquelles que uma vez tinham estado na classe dos penitentes, não podiam receber ordens, nem ser elevados a nenhum ministerio ecclesiastico.

Este era geralmente o methodo de administrar a penitencia canonica, a que chamavam *baptismo laborioso*. Depressa perdeu porem o seu vigor, especialmente no decimo primeiro seculo. Imaginou-se então que cada peccado da mesma especie merecia a sua penitencia, de sorte que, por exemplo, um homicidio, devia expiar-se por vinte annos de lagrimas, e eram precisos duzentos annos para dez homicidios, o que fazia impossiveis as penitencias, e ridiculos os canones. Recorreu-se então a compensações e estimativas. Imaginou-se recitar psalmos, genuflexões, disciplinações, esmolas, e peregrinações. Até houve monges que se encarregaram de fazer penitencia pelos peccados alheios, e um d'estes foi S. Domingos o Guiraceo. Raro era o dia em que este santo não recitasse duas vezes todos os psalmos, acompanhando isto de disciplinações. Tres mil golpes de disciplina faziam um anno de penitencia, e dava mil disciplinações durante cada dez psalmos. Sendo o numero total dos psalmos cento e cincoenta, e enquanto recitava todos dando quinze mil golpes de disciplina, cumpria assim cinco annos de penitencia. Era mister portanto repetir vinte vezes os psalmos, e levar trezentas mil disciplinações para fazer uma penitencia de cem annos. S. Domingos cumpria-a em menos de seis dias, e como era ambidextro disciplinava-se ao mesmo tempo com ambas as mãos, não mettendo porem em conta o duplo golpe. Houve uma quaresma em que fez assim uma penitencia de mil annos. Quanto isto se apartava do verdadeiro espirito da Igreja primitiva! As penitencias do undecimo seculo e seguintes eram só proprias para produzir a hypocrisia e a superstição. Como crer que as disciplinações de um pobre religioso tinham para o peccador a virtude medicinal? O peccado não é como uma divida que fica quite pagando-a ao credor em qualquer moeda; é uma doença pe-

rigosa que se não pode curar senão na pessoa do proprio doente.

EXTREMA-UNÇÃO.

A Extrema-Unção é um sacramento celebrado na Igreja já no tempo dos apóstolos, pois S. Thiago, dirigindo a palavra aos christãos em geral, disse:—«Algum de vós está enfermo? que chame os padres da Igreja, para orarem por elle, ungirem-no com o oleo em nome do Senhor, e a oração salvará o doente, e o Senhor o alliviará, e se commetteu peccados ser-lhe-hão perdoados.»

Até ao decimo sexto seculo era uso geral dar a Extrema-Unção antes do Viatico; e costumava-se levar o doente, ou ir elle proprio se podia á igreja, para receber este sacramento; pois não se esperava como hoje que chegasse a hora extrema para lhe conferir as graças que esta divina unção communica.

Administrava-se a Extrema-Unção confessando-se o doente dos seus peccados; depois os padres (porque eram uns poucos os que conferiam este sacramento) faziam-lhe a aspersion da agua benta, acompanhada de orações. Então o doente ajoelhava á direita do principal ministro. Igrejas havia onde se ajoelhava sobre cinza, emquanto se cantavam as antifonas, e recitavam as orações. Depois d'esta cerimonia, os padres impunham as mãos no doente; depois cada um d'elles o ungia com o oleo santo, applicando-lh'o em forma de cruz no pescoço, na garganta, no peito, nas espadoas, no sitio onde o enfermo sentia mais dores, e nos orgãos dos cinco sentidos corporaes. Tudo isto era precedido e seguido de antifonas, cantigos espirituaes, e fervorosas orações. Em muitas igrejas terminava a cerimonia com a benção das cinzas, que se punham em forma de cruz sobre o peito, ou cabeça do doente, para lhe recordar o seu nada; e n'outras cobrindo-o com um cilicio para lhe inspirar sentimentos de penitencia. Vê-se que a administração d'este sacramento durava muito mais tempo do que hoje.

ORDEM.

As ordenações eram precedidas de um jejum, e acompanhadas de orações. Ordinariamente tinham lugar em a noite do sabbado para o domingo. Velava-se n'essa noite; e celebrava-se depois a ordenação, cuja principal cerimonia era a imposição das mãos, seguindo-se depois o sacrificio da missa.

Escolhia-se o bispo em presença do povo, pelos bispos da provincia, reunidos na igreja vaga, pelo menos em numero de dois. Julgava-se necessaria a presença do povo, para que estando todos persuadidos do meritô do eleito, lhe obedecessem de melhor vontade, pois que ordinariamente se escolhiam os baptisados na mes-

ma igreja, e que n'ella tinham exercido por muitos annos todas as funcções ecclesiasticas.

Os bispos escolhiam os clerigos entre os christãos cuja santidade mais brilhava, e de mais reconhecida virtude. Esta era a ordinaria recompensa dos confessores, o que quer dizer, aquelles que tinham defendido a fé contra os pagãos e hereticos, e que haviam mostrado mais constancia nos tormentos. O prelado fazia muitas vezes esta escolha a pedido do povo, pelo menos com a sua participação, sempre com o conselho do clero, e depois de ter examinado, com os sacerdotes mais habéis, os que escolhia, para ver se tinham as qualidades requeridas. Pouco se attendia á vontade dos ordinandos. Não só se não esperava que elles pedissem a ordem, mas até os ordenavam contra sua vontade, por força ou por artificio. O bispo não ordenava nem sacerdotes, nem diaconos, nem outros clerigos, mais que os restrictamente precisos para o serviço da sua igreja. O numero não era grande. Em proporção havia mais bispos, porque se nomeavam para todas as cidades onde existia um numero razoavel de christãos. Era prohibido ordenar n'uma provincia os que tinham sido baptisados n'outra, por não ser conhecida a sua vida. Depois da ordenação obrigavam-se os clerigos, não só á residencia, mas á estabilidade pelo resto de sua vida, ficando sempre em completa dependencia dos bispos, porque eram os discipulos que elles tinham cuidado de instruir, formar e educar, gradualmente, para os applicarem a diversas funcções, segundo os seus talentos.

MATRIMONIO.

Os christãos olhavam nobremente o casamento, como sendo o seu fim a producção das creaturas racionaes, que devem durar eternamente, e tornando o homem imagem de Deus d'um modo particular, no que concorre com elle para a producção do homem. Entre os principios para a educação das creanças, recommendava-se casal-as cedo, para prevenir a devassidão; e exhortavam-se aquelles que por caridade acolhiam e nutriam orphãos, a casal-os chegada a idade, de preferencia com os proprios filhos; e isto mostra que então o interesse não tinha parte nos casamentos dos christãos.

Consultava-se o bispo sobre os casamentos, como sobre todos os negocios importantes, para que se fizessem segundo Deus, e não segundo a concupiscencia. Quando as partes estavam de accordo, celebrava-se o casamento publica e solemnemente na igreja, e era consagrado pela benção do pastor, e confirmado pela oblação do santo sacrificio. Os esposos davam a mão, e a mulher recebia do marido um anel onde estava gravada uma cruz, ou a figura symbolica de alguma virtude. Os fieis abstinham-se do uso do casamento durante os dias solemnes de festa, ou de jejum, e d'ahi veiu a prohibição de celebrar

nupcias em certo tempo do anno. Não era permittido o casamento com os infieis; porém se antes tinham sido casados podiam habitar juntos. As segundas nupcias, ainda que permittidas, reputavam-se uma fraqueza, e n'algumas igrejas obrigavam-se á penitencia os que se tornavam a casar.

JEJUNS.

Os christãos jejuavam mais vezes do que os judeus; porém emquanto ao modo do jejum era quasi o mesmo, dando mostras de afflicção. O essencial era não comer senão uma vez ao dia, de tarde ou jantar, e a abstinencia de vinho, e de comidas delicadas e nutritivas, passando-se o dia no isolamento e na oração. Juntava-se ao jejum a esmola, que saía da economia feita na despeza ordinaria. Até se julgava quebrado o jejum bebendo-se agua fora da occasião da comida.

Nos tempos primitivos da lei da graça, não havia jejuns obrigativos senão os da quaresma. A devoção instituiu outros, como as quartas e sextas feiras, e os que os bispos ordenavam pelas necessidades extraordinarias das igrejas, e finalmente as quatro temporas, para consagrar pela penitencia, as diversas estações do anno. Regularmente não era permittido jejuar ao domingo, por causa da excellencia d'este dia.

Distinguiam-se tres especies de jejum: os da estação, que acabavam ás tres horas da tarde, e se chamavam meios jejuns; os da quaresma que duravam até ás seis horas, ou pôr do sol; e o duplo jejum em que se passavam vinte e quatro horas sem comer. Tambem se jejuava no sabbado da alleluia; na sexta feira de Paixão; muitos passavam tres dias, outros quatro, outros toda a semana santa, sem tomarem nutrimento, segundo as suas forças.

Eram differentes os graus da abstinencia: uns observavam a *homophagia*, que quer dizer não comer nada cosido; outros a *xerophagia*, que significa limitarem-se ás fructas seccas, abstenendo-se não só da carne e do vinho, mas tambem de fructos vinosos ou succulentos, e comendo portanto pão e nozes, amendoas, e outros fructos semelhantes.

Dos jejuns solemnes da Igreja, especialmente a quaresma, ninguém era dispensado, e nem a condição e a idade passavam por escusas legitimas. Todos os negocios publicos cessavam; e viam-se as cidades, ainda as mais povoadas, tranquilladas como as solidões. Os fieis passavam a maior parte dos dias nos templos orando, e ouvindo leituras santas e predicas. D'aqui provém serem mais extensos os officios d'estes dias. Não se celebravam nupcias, havia privação dos prazeres ainda os mais innocentes; não se julgavam os processos; não se usava de armas, e não se emprehendia nenhuma viagem sem grande necessidade.

Continua.

A.